



A PRINCEZA DE LAMBALLE

SUMMARIO

A princeza de Lamballe. — Noções de Economia Domestica, D. Maria José da Silva Canuto. — Mineralogia, o diamante. — As mulheres que votam. (fragmentos). — Mãe, (poesia), Diogo Souto. — Engeitado!, D. Eliza Caodur. — As pequenas coisas do ménage. — Historia natural, a mosca azul da carne (carejeira). — A instrução da mulher. — Chronica dos theatros, Py-Thon. — Album Enigmatico.

GRAVURAS: — A princeza de Lamballe. — Guardanapos.
NA CAPA: — Dicionario de cozinha.

A PRINCEZA DE LAMBALLE

O papel representado pela princeza de Lamballe junto de Maria Antonieta, nos dois periodos de affecto que esta lhe concedeu nem está, segundo nos parece, por emquanto bem definido, nem esta revista é de molde para desenvolver estudos de natureza tão complexa e tão sujeita a erros e interpretações variadas.

Limitaremos por consequencia a poucas linhas, ligeiros traços biographicos, considerações levemente esboçadas, o muito que ha para dizer d'essa mulher, ou antes do tempo em que ella viveu, mais ainda da sua morte que tem sido o thema, aliaz infeliz e tragico, de tantas paginas apaixonadas com pretensões philosophicas.

Michelet, o bom Michelet descreve-a segundo o retrato das Tulherias, o unico, a seu ver, fiel e verdadeiro — todas os mais são mentiras ridiculas e despreziveis — pinta-a, dizemos, com as seguintes palavras: «Madame de Lamballe era, no sentido proprio, uma mulher. O seu retrato mais que feminino, é o de uma delicada creança saboyana; sabe-se com effeito que era saboyana. A cabeça é extremamente pequena, se abstrahirmos do penteado enorme e ridiculo que então se usava; as feições delicadas e finas, mais delicadas ainda

que bellas; a bocca formosa, mas contrahida pelo sorriso fixo do saboyano e do cortezão. Essa bocca exprime muito pouco; sabe-se effectivamente que a princeza gentil dispunha de pouco espirito e de nenhuma idéas; era pouco interessante. O retrato que melhor corresponde á historia é o de uma creatura agradável e mediocre, que nasceu para depender e para obedecer, para soffrer e para morrer (o seu delicado seio correcto faz pensar assaz na catastrophe).»

Maria Thereza Luiza de Saboya Carignan era a quarta filha de Luiz Victor de Saboya Carignan, príncipe da casa de Saboya. Aos 17 annos casou com um homem de viver desregradissimo, Luiz Alexandre José Estanislan de Bourbon, príncipe de Lamballe, monteiro mór de França e filho do duque de Penthièvre. Um anno depois, em 1768, morreu-lhe o marido e a joven princeza entregou-se toda ao carinhoso dever de suavisar os desgostos do velho duque de Penthièvre, vivendo com elle completamente retirada da sociedade no palacio de Rambouillet, até que Maria Antonieta, recentemente casada com o delphin, começou de apresental-a em todas as suas festas intimas, dispensando-lhe uma grande benevolencia e fazendo-a sua confidente. D'esta época data a dedicação sincera, a amizade verdadeira e desinteressada da princeza de Lamballe pela rainha que, levada pelo seu character leviano e desigual a preferiu, passado algum tempo, pela condessa de Polignac vindo novamente a chamal-a para junto de si em 1785, encarregando-a então das mais difficeis missões e das suas confidencias mais intimas e importantes, e d'esta fórma chamou sobre ella as iras populares, que rompiam atravez de suspeitas até certo ponto bem justificadas. Em 1790 e 91 o palacio da princeza de Lamballe foi o ponto de reunião aprazado por Maria Antonieta aos homens mais importantes da Assembléa, que ella pretendia corromper, e aos jornalistas mais odiados pelo povo e que pelos seus artigos pronunciadamente realistas haviam merecido a exacração popular.

Quando o rei fugiu para Varennes a princeza de Lamballe partiu para Inglaterra, a pedir o auxilio do rei Jorge em favor dos soberanos francezes e de volta ás Tulherias, em novembro de 1791, continuou prestando á rainha os seus bons serviços de amiga dedicada e fraca, com a amizade que «o cão tem a seu dono», no poetico dizer de Michelet.

No memoravel dia 10 de agosto acompanhou a familia real á Assembléa e d'ahi foi para o Templo, sendo mudada depois para o Hotel de Ville e em seguida para a Force. Adoeceu; a sua debil constituição, a sua fraqueza caracteristica, não podia supportar resolutamente o estado melindroso a que imprudentemente a conduzira a cega e comprometedora amizade pela *Austriaca*, que foi a causa determinante da sua perda.

As prisões de Paris estavam cheias de realistas odientos e vingativos. Pela cidade espalhavam-se noticias assustadoras de conspirações, noticias da marcha victoriosa das tropas allemãs que pisavam já o territorio francez e estavam a tres dias de marcha da capital. Tudo era anciedade e desalento e a proclamação da communa, o convite que se fazia aos voluntarios para abandonarem Paris e voarem ás fronteiras amcaçadas, a publicidade dos documentos encontrados no castello, e que mostravam evidentemente o accordo da

realidade com os inimigos da revolução, tudo isso punha na grande massa popular a confusão, o terror, a incerteza, a raiva de ha muito concentrada. Então eccoou pelas ruas de Paris o formidavel grito — A's prisões! e a loucura do crime, produzida principalmente pelo exagero dos perigos, pelo desanimo em que todos se encontravam, fez com que as secções votassem a morte dos prisioneiros.

Foi uma febre, foi um delirio, uma loucura horrosa, mas que estalou de repente, instantaneamente, sem que houvesse combinações previas e longamente, meditadas, como pretendem alguns historiadores menos escrupulosos.

Madame de Lamballe foi envolvida n'essa onda de sangue e a sua bella cabeça, espetada na ponta de uma lança, foi levada por um miseravel qualquer pelas ruas de Paris, e passeada nas immedições do Templo aos gritos da população delirante e desvairada.

NOÇÕES DE ECONOMIA DOMESTICA

XVIII

Tapetes

O luxo dos tapetes foi importado da Asia para a Europa: nos primeiros tempos era excessivo o seu custo: só entravam nos palacios dos reis.

Contam as lendas que as nobres damas dos antigos castellos feudaes (onde não havia soirées dançantes) fiavam e conversavam, durante os longos serões do inverno, sentadas no chão dos salões, recamados de palha fresca. Não sei se tenha inveja d'esses tempos em que a singeleza dos costumes feminis se alliava aos brios cavalleheirescos dos homens! Não sei! O que parece certo é que as mais das vezes a mulher que, em quanto donzella era o idolo do paladino que por ella quebrava lanças e esfalfava o alaúde, com os titulos sagrados de esposa e de mãe, assumia o character de escrava. E tanto mais escrava, quanto mais elevada era a sua posição social!

E eis-me fóra do meu assumpto, divagando pelas regiões do espirito! Ora, para que haviam de prender-me a este positivismo tão material? E' o meu destino: sigamol-o.

Hoje o uso dos tapetes invade até as casas de modesta mediania; mais de uma razão justifica este uso; o asseio, a commodidade e a duração.

Os tapetes da Turquia e da Persia são os mais preciosos: depois os tapetes francezes e inglezes, que são notaveis pela belleza das côres e dos desenhos: a Suissa e a Allemanha concorrem tambem a este genero de commercio: é mui provavel que se tenha acclimatado em Portugal; contudo não tenho dados para o affirmar. O que eu sei é que se fabricam aqui bellissimas esteiras; e os tecidos de palha de algumas das nossas possessões ultramarinas são inexcediveis em delicadeza e flexibilidade.

Ultimamente annunciaram-se stores de madeira, adicionando-lhes pomposos elogios de duração e barateza. E' um entrelaçamento de fios de madeira, que não garantem duração, mormente sendo tratados por mãos pesadas ou negligentes; quanto ao preço asseguram-me que não está ao alcance de todas as fortunas: isto não obsta a que saudemos o engenhoso inventor e lhe desejemos boa fortuna.

Dizem-me que em uma casa penitenciária do cantão de Vaud, na Suíça, fabricam-se esteiras de todas as dimensões muito solidas e a pregos reduzidos.

A dona de casa, previdente, se os seus recursos pecuniarios lh'o permitem, não dispensa o encerado sob a mesa do jantar; é um objecto de adorno e de asseio incontestavel.

Os tapetes do chão devem ser diariamente varridas com vassouras finas; e, antes de se proceder a esse trabalho, convém espargir-lhes por cima folhas de chá, para absorverem a poeira.

Quando se quer levantar os tapetes, fazem-se sacudir com muito cuidado, enrolam-se e guardam-se envolvidos em pannos ensopados em terebentina; ou, o que é mais facil, aggregando-lhes valiosa porção de camphora em pedra ou em pó; isto para os preservar do bichinho traça.

MARIA JOSÉ DA SILVA CANUTO.

MINERALOGIA

O diamante

II

Na antiguidade a maior parte dos diamantes ficavam sem applicação e a arte de os lapidar era inteiramente desconhecida. Os lapidarios romanos sabiam apenas obter o pó do diamante para polir as pedras finas, facto que os podia ter guiado na arte de polir o precioso mineral, que mais tarde se trabalhou e poliu com o proprio pó.

A época em que o diamante principiou a ser regularmente trabalhado, foi em 1475, época em que um rapaz de Bruges, Luiz de Berquen, nobre, rico e estranho á arte de lapidario notou, por acaso, um dia, que dois diamantes em attrito continuado e forte se gastavam, reduzindo-se mutuamente a pó.

As operações porque passa o diamante são as seguintes: a primeira consiste em tirar-lhe a superficie bruta; para este effeito roçam-se dois diamantes um contra o outro até que resulte a primeira fórma que se chama *esboço*. Durante este trabalho cae um pó fino que se aproveita e ao qual se junta depois uma porção de azeite puro, servindo esta mistura para cortar e polir os diamantes.

Uma das grandes difficuldades da arte consiste em conhecer bem o que se chama o *fio* da pedra.

Os diamantes n'outro tempo empregados com o seu brilho natural chamavam-se *brutos*; os que offereciam uma crystallisação regular chamavam-se *pontas naturaes*. Quasi todos os que se encontram nas antigas armaduras estão n'este ultimo estado.

Ha, enfim, outros diamantes que resistem ao lapidario e a que é impossivel dar formas regulares: chamam-se *diamantes da natureza* e são pulverisados n'um almofariz de aço, assim como os diamantes de refugo.

Nos diamantes trabalhados antigamente as duas faces principaes são algumas vezes elevadas e os lados abatidos em faceta; chamavam-lhes *pedras fracas*. Conhece-se por isso que os lapidarios d'aquelle tempo procuravam antes polir o diamante, sem lhe tirarem muito do seu peso, do que darem-lhe uma forma fundada sobre a optica e propria a augmentar o seu poder reflexivo: é este fim que mais tarde se tem proposto alcançar os que os talham em *rosa* e melhor ainda em *brilhante*.

O cardeal Mazarin foi quem primeiro executou a forma em brilhante, sobre doze diamantes conhecidos sob o nome dos doze *mazarinos* entre as pedrarias da corôa.

O brilhante toma duas formas: *recortado* e não *recortado*. Os brilhantes produzem effeitos de luz e de côr variadissimos; as *rosas* lançam scintillações talvez mais vivas, mas menos attrahentes. O diamante brilhante obtem a preferencia.

N'um dos proximos numeros acabaremos esta noticia sobre o diamante e fallaremos especialmente do *rubi* empregado nos eixos dos relogios.

AS MULHERES QUE VOTAM

(FRAGMENTOS)

Deus sabe se n'este bello paiz, razoavel, previdente e logico, como mais de uma vez temos demonstrado, Deus sabe se ha n'elle gente que se torce, rindo ás gargalhadas, cada vez que se avança esta proposição: que as mulheres, estas eternas pupillas das religiões e dos codigos, estes seres tão fracos, tão incapazes de se dirigirem, tendo de tal modo necessidade de serem guiadas, protegidas e defendidas que a lei mesmo tem renunciado a isso, vendo que tanto tinha a fazer, Deus sabe diziamos nós se ha gente que se torce em frouxos de riso pela proposição de que as mulheres podiam muito bem um dia reivindicar os mesmos direitos que os homens possuem, e exercer o voto como elles.

Até aqui esta proposição não tinha sido enunciada e sustentada senão em jornaes redigidos por mulheres e a unica resonancia que obteve foi o riso quasi universal com que foi acolhida; os que não riam, os personagens graves e serios, encolhiam os hombros; outros, ao numero dos quaes eu pertenceo, perguntavam baixinho se as reclamantes não tinham razão. A dizer a verdade a reclamação era feita ás vezes em termos tão exaltados, proclamando tão alto a superioridade intellectual, moral e civil da mulher sobre o homem, que, com effeito, despertava o riso. Mas porque um direito é desastradamente reivindicado, não se segue que não seja um direito. Quantas vezes um credor sem instrução nos reclama o que lhe devemos, n'uma carta cuja orthographia nos faz rir. Mas por mais comica que seja a forma da reclamação não tem por isso menos direito ao pagamento.

Vamos ao caso.

Em janeiro de 1879 lia-se n'um jornal a seguinte proclamação:

APPELLO ÁS MULHERES

«Depois de este ultimo appello ao triumpho da Republica, chega a hora de conquistar a nossa liberdade. Depois da questão politica trata-se da questão social. E se não sahirmos da nossa indifferença, se não reclamarmos contra a nossa situação de mortas civis, a liberdade e a egualdade virá para os homens, e porém conservar-se-ha sempre, para nós as mulheres, como palavrões vans.

«Os ministerios succeder-se-hão, a Republica de nome tornar-se-ha Republica de facto, e se a mulher se contenta em ficar resignada, continuará a sua vida de escravidão sem poder nunca tornar-se independente do homem, a quem só o trabalho é retribuido e os direitos reconhecidos.

«Mulheres de França: Tres projectos de lei que nos dizem respeito estão n'este momento submettidos ás «camaras. Nenhuma de nós tem porém direito a apoiá-los ou a modificá-los. Uma assembléa de homens vae «fazer leis para as mulheres como se fazem regras «para os doidos.

«O homem faz as leis com vantagem sua e nós somos forçadas a curvarmo-nos a ellas. Párias da sociedade levantemo-nos! Não deixemos o homem perpetrar este crime de lesa-creatura dando á mãe menos «direitos que dá ao filho. Juntemo-nos para reivindicar «a liberdade e a faculdade de nos instruir, a possibilidade de viver independentes trabalhando, o livre acesso a todas as carreiras para as quaes justificarmos «a capacidade necessaria;

«A associação, e não a subordinação no casamento;

«A admissão das mulheres ás funções de juizes «consulares, juizes civis e jurados;

«O direito de ser eleitoras e elegiveis na communa «e no Estado.

«Mulheres de Paris, só a nós pertence mudar a «nossa sorte. Affirmemos os nossos direitos reclamando-os com perseverança e insistencia. As nossas irmãs da provincia seguir-nos-hão e os republicanos «sinceros dar-nos-hão o seu concurso na tribuna e no «escrutínio, porque todos sabem que emancipar a mulher é libertar a nova geração, é republicanisar o «lar e a familia.»

Tal foi o appello ridiculo que ficou, como devia, sem effecto.

Retomemos hoje essa proclamação tomando-a na conta de uma expressão sincera, e julguemo-la com a imparcialidade a que tem direito tudo que é sincero; procuremos estabelecer o verdadeiro e o falso, as contradicções e os resultados de um tal manifesto e ponhamos todo o methodo, toda a justiça, toda a clareza, toda a logica possiveis n'esta discussão. Não é porém muito facil discutir a mulher como devia sel-o, como é, e nós, os homens, a temos feito; porque já pelo nosso despotismo, já pela nossa admiração, já pelo nosso desprezo, auctorisamo-l'a a dizer que tudo o que ella encerra de bom lhe vem de si propria e tudo o que tem de mau lhe vae de nós. Profundemos pois as coisas bem e tratemo-las com a mesma seriedade que a auctora do manifesto.

(Continua).

M A

Gosto de ver o mar; porque te tenho
o mais fervido amor:
ninguem póde abaixar-lhe o sobreceño,
ninguem o teu furor.

Amo tambem o ceu... Aquelle immenso
quando estala o trovão,
parece repetir um grito extenso
do teu mau coração.

O ceu e o mar... o grande livro infindo
que não sabe ninguem;
— indecifrável thema em gesto lindo,
assim tu és tambem.

(Foz do Douro).

Diogo Souto.

ENGEITADO!

(Continuação)

Um bofetão rijo interrompeu-lhe as indagações e concisamente a interpellada respondeu:

— Deixemo-nos de conversas.

O pequeno atemorizado voltou cuidadoso ao trabalho, todo curvado, lacrimante, muito pesaroso de ter perdido as boas graças da mãe.

Em baixo chamaram a Morgada. Antes de partir determinou o serviço: — queria tudo apanhado e recolhido da chuva, recommendou retirando-se.

O Maximino prometteu que sim, podia ir descansada, havia de recolher tudo. E continuou sosinho, atarefado, aquelle trabalho tão violento para as suas pequeninas forças extenuadas. Durante algum tempo cumpriu a promessa muito solícito, penetrado do seu dever; sobreveiu-lhe porém um momento de desanimo. O trabalho era ainda tanto!... As pernitadas crestadas pelo sol, e roxas do frio, vergavam-lhe sem elle querer e recusavam-se ás passadas, arrastando-se a custo.

— Se descansasse um bocado talvez aquillo lhe passasse pensou, todo alegre da lembrança. E no bello intuito de melhor proseguir depois a sua empreitada recolheu-se ao alpendre da eira. Sentado sobre umas palhas repousava olhando ao longe os relampagos que não cessavam de cruzar-se; a curiosidade do que seria aquelle lume em faisquinhas voltou a preoccupal-o. E com as palpebras já meio cerradas pelo entorpecimento, que pouco a pouco o ia tomando todo, entregou-se a cogitações phantasticas que tinham já o que quer que fosse d'un sonho extravagante onde elle via o pae do ceo deitando, lá de cima, bichinhas de rabear para fazer os relampagos.

A tarefa do dia acabava de completar o effecto da vigilia da noite. Uma prostração invencivel abateu-lhe a energia e quebrantou-lhe o corpo; um somno profundo absorveu-o por fim.

Passaram-se horas. A tarde esmaecia languidamente e de espaço a espaço grossos pingos de chuva annunciavam um aguaceiro eminente, quando da porta da cozinha a mãe chamou o pequeno.

Era preciso ir ao logar pedir uma foice para no outro dia de madrugada se principiar o corte da seara das bouças, e escusava ninguem de perder tempo, ia lá o garoto. Chamava-o pois, n'uma escala crescente de furor desabrido.

— Má morte o coma! Que excommungado, não apparece, — dizia, procurando-o por toda a parte e n'um presentimento de furia lembrou-se d'ir á eira. Vendo ali tudo como deixara, os grãos, parte espalhados, parte n'um sacco, á chuva, tudo encharcado e o rapaz n'um canto a dormir, teve um accesso de raiva selvagem, tentações de o esmagar; tirou allucinada um tamanco e mesmo de longe — zás, acertou-lhe na cabeça. O pequeno teve uma dôr crueiante, fez-se pallido, turvou-se-lhe a vista, ia talvez cahir, mas a Morgada agarrando-o por um braço suspendeu-o dando-lhe repetidas vezes com o iniquo tamanco nas costas, na cabeça, no peito, por onde o apanhou.

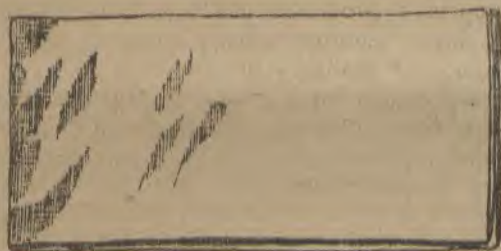
Elle não se defendia, não gritava. Com a sua vozinha cheia de lagrimas, quasi exangue, só dizia:

— Morro... morro... ai Jesus! Pelo amor de Deus, olhe que morro.

E a Morgada arrastando-o para junto do sacco dos grãos, bradava ainda, de tamanco em punho:



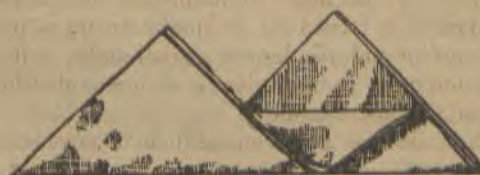
N.º 1—GUARDANAPO PARA SERVIR «OMOLETTES», MASSAS, ETC.



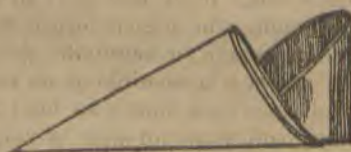
N.º 2—DETALHE DO DESENHO N.º 1



N.º 3—DETALHE DO DESENHO N.º 1



N.º 4—DETALHE DO DESENHO N.º 1



N.º 5—DETALHE DO DESENHO N.º 1

—O que lhe disse eu? O que lhe mandei fazer, seu desavergonhado?—E nova dóze de pancadas vertiginosas, rijas, descarregavam-se sobre aquelle corpinho fragil, que se extorcia indefeso.

Os soluços affogavam-lhe a voz e de joelhos, com as mãos postas, supportando os maus tratos, só tentava defender-se n'esta resignação humilde que lhe punha no olhar uma expressão de fazer recuar uma hyena.

—P'ra baixo, — gritou a Morgada ainda colerica, depois de tudo recolhido da cira.

—P'ra baixo e já ao logar, a casa da Maria Burralha buscar uma fouce.

Por acaso passava em direitura ás hortas a filha da Burralha que disse:

—Pobre pequeno, ainda ha pouco lá passou, podia-a ter trazido.

—Ainda agora lá passou?— fez a Morgada espantada.

—Não foste pequeno? perguntou a outra indifferente, caminhando.

Elle não sabia mentir, pondo a vista no chão murmurou n'uma voz baixa e triste:

—Fui sim senhora.

—Fazer o que?— inquiriu a Morgada.

Lembrando-lhe a recommendação do pae calou-se á pergunta.

A mãe insistiu:

—Então, despacha-se o senhor?

Olhou para ella todo receioso e comprehendendo que não tinha remedio senão responder, disse, julgando que as perguntas ficariam por ali:

—Foi o pae que me mandou.

—Mas fazer o que? é que eu pergunto, minha lesma,— e um punho fechado foi ás costas do pequeno, como guarda avançada d'uma sova eminente.

Não havia remedio, o dilemma era terrivel, não podia ser resolvido senão d'um modo funesto para elle.

Fallando, o pae lá estava para ajustar contas de

pois. Não dizendo, a mãe alli estava já arrogante, ameaçadora, passando immediatamente a vias de facto. Que fazer pois! Talvez ella lhe não diga nada, pensava, e animado por aquella esperanza contou:

—Fui buscar tabaco, mas pelo amor de Deus não diga... que o pae bate-me.

A Morgada partiu logo para baixo, irada, apoplectica, ruminando idéas de vingança contra o marido e resmungando exprobações iracundas n'um vocabulario torpe:

—Aquelle ladrão da minha casa a gastar em fumaças e eu a trabalhar como uma negra!— Ia dizendo a meia voz, raivosa.

Continua.

ELIZA CAODUR.

As pequenas coisas do ménage

Apresentamos hoje os desenhos que ensinam a dobrar os guardanapos para servir *omelettes* ou pratos semelhantes. A figura n.º 1 representa o prato com o guardanapo já dobrado, e dá em prespectiva o aspecto geral do *ensemble*.

As figuras 2, 3, 4 e 5 figuram os detalhes e as dobras que é necessario fazer para chegar ao resultado que se deseja. Vamos descrevel-as succintamente com quanto a simples inspecção dos desenhos seja bastante para fazer comprehender a execução.

Dobra-se o guardanapo em quatro partes eguaes, no sentido da sua largura, e depois em duas partes, no sentido do comprimento, conforme o desenho n.º 2. Em seguida dobra-se para o lado exterior o angulo esquerdo e para o lado interior o angulo direito (figura 3) e pela dobra ideal marcada pela linha pontilhada voltam-se os pequenos angulos, obtendo-se a figura representada no n.º 4. Depois de estar o guardanapo assim

dobrado facilmente se percebe como com elle se fôrma a figura representada no desenho n.º 1 e que, praticamente, depois do que fica dito, e com o auxilio dos desenhos, não offerece a mais pequena difficuldade na execução.

HISTORIA NATURAL

A MOSCA AZUL DA CARNE (varejeira)

Do enxame de moscas, da avalanche de parasitas que a despeito de todos os cuidados se introduzem, zumbindo, nas nossas habitações, saboreando todos os pratos, manchando as paredes e incommodando-nos por todas as formas, nenhuma especie tem sido mais bem estudada do que a mosca azul da carne, a varejeira, com quanto haja muitas pessoas que apenas de nome a conhecem. O insecto não se recommenda pelo brilhantismo das suas côres; é um pouco escuro e sombrio e, no estado de larva, chega mesmo a inspirar, á primeira vista, uma repugnancia que se justifica até pelo cheiro fetido que a caracteriza. Mas, passada esta primeira impressão, e seguindo-se as evoluções variadas pelas quaes a mosca chega ao seu estado perfeito de desenvolvimento, esquece-se bem depressa esse instante de desgosto, para admirar a organização singular que apresenta e que bem longe se estava de ajuizar.

Vêm como essa grande mosca pardacenta e azulada, com o ventre eriçado de pellos escuros, vão presuroza? Agita-se, zumba, descreve circulos rapidos e parece afadigada em procurar alguma coisa. Fecha e bem depressa o guarda-loiça, pois que o mais pequeno intersticio mal vedado trará como consequencia inevitavel a perda completa da carne que lá estiver. E não é por simples capricho que a mosca assim procede; o instincto maternal, que a impelle a pôr os ovos na carne que depois hade servir de alimento aos filhos, obriga-a a procurar as vossas provisões alimenticias; o olfato apuradissimo previne-a de que um pedaço de carne appetitosa está no gancho costumado e para lá vão immediatamente. Podeis crer que se não engana, e que não vae direita a um bocado pequeno, que secca facilmente, e que por isso lhe não offerece, a qualidade que procura; vae directamente ao pedaço maior e mais humido, por consequencia mais facil de se romper. E' o que lhe convém para o primeiro alimento da prole e ali põe os ovos immediatamente, sem mais cerimonia.

As varejeiras põem os ovos por agglomerações maiores, mais pequenas, contando algumas um cento de elles, outras meio cento, uma duzia apenas, uns ao lado dos outros. A totalidade dos ovos eleva-se a duzentos proxivamente, e se alguns apparecem fóra do pedaço de carne, este facto deve attribuir-se a um simples accidente resultante da perturbação da mosca mãe que, á semelhança da gallinha, e impellida pela necessidade das suas funções deposita o ovo em qualquer sitio, ao acaso. Mas o seu instincto é, em geral, tão providente e tão perfeito que effectua as maiores posturas dos ovos no interior da carne, nos pontos mais humidos, e por isso mesmo mais convenientes para o desenvolvimento das primeiras larvas.

O ovo é branco, iriado como o da madreporola, quatro ou cinco vezes mais alongado do que grosso, e é um pouco arredondado nas extremidades. N'um dos lados, ligeiramente concava, vê-se uma lingueta can-

nelada no rebordo, sendo por ali, e por uma das extremidades, que a larva sae da sua prisão, proxivamente vinte e quatro horas depois da postura dos ovos. Estes, quando as larvas estão para sahir, parecem circumdados por aneis e depois de vazios assemelham-se a uma membrana amachucada.

As larvas apresentam o aspecto de vermes carnudos e brancos; o corpo, composto de onze aneis, toma successivamente diversas formas: alonga-se ou retrae-se conforme a vontade do animal e este parece por consequencia ora mais pequeno ora maior. Para obter este resultado basta-lhe fazer entrar, uns nos outros, os seus tres primeiros aneis ou *vice-versa*. Comquanto não tenham patas as larvas andam, e com uma certa velocidade até, auxiliadas por dois ganchos revestidos de escamas, parallellos um ao outro e collocados por cima da bocca: sobre elles exerce a larva o seu principal exforço na progressão, cravando-os na carne á maneira de arpêos e encolhendo o corpo que depois faz avançar. Aquelles ganchos ainda exercem uma outra função: servem como que de alvião ao animal para arrancar as fibras carnudas de que o verme se alimenta, e quando este repousa cada um d'aquelles ganchos entra n'uma especie de estojo, desaparecendo á vista completamente.

(Continua).

A INSTRUÇÃO DA MULHER

Na França e nos paizes mais civilizados, tem sido de ha muito objecto dos mais serios estudos, e do mais vivo interesse da parte dos homens compttentes, o dar-se a instrucção á mulher, não a instrucção elemental, mas sim a especial e professional, da qual se possam tirar resultados praticos, aproveitando todas as forças vivas da nação e as aptidões onde ás vezes as póde haver e de grande valia.

Com esse fim, foi decidida em França em 1880 a criação de institutos secundarios, pertendendo alcançar-se esse importante resultado, e acaba de inaugurar-se em Paris o Lyceu de Fenelon.

Paris, a capital do mundo civilizado, o centro circulatorio d'onde dimanam as idéas mais elevadas e generosas, sangue oxigenado e energico, que vae alimentar o pensamento universal na marcha incessante para o progresso e bem estar da humanidade, devia tambem ser a iniciadora d'este fecundo movimento entre os povos da raça latina.

O Lyceu de Fenelon terá um curso de cinco annos, e o seu programma é variadissimo, exigindo-se como preparatorios noções de latim e o conhecimento das linguas vivas a ingleza ou a allemã.

Ao cabo de cinco annos as discipulas podem aspirar a professoras dos mesmos institutos, ou a desempenhar cargos como o de administradoras de correios, telegraphistas, caixeiras de commercio, exercendo as bellas artes, pintura, esculptura, etc. ou ser incumbidas de escripturações industriaes e agricolas, e outros empregos que para ellas sejam destinados, quer pelo governo, quer por empresas particulares.

Hoje que a vida está tão difficil principalmente para a classe media, para o baixo funcionario, para o commerciante a retalho, para o empregado emfim que vence pequeno ordenado, não era dos mais bellos resultados, e da mais fecunda moralidade, que a mulher, com o seu trabalho honesto e productivo, exercendo um dos empregos já apontados, contribuisse para au-

gumentar o peculio domestico? Não seria essa a sua verdadeira emancipação, libertando-a muitas vezes de um futuro triste a que o casamento utilitario e sem amor a condemna?

O que é a emancipação, dando á mulher unicamente os direitos civis e politicos, que hoje o homem possui, comparada com a que lhe poderia ser dada pela instrucção que a habilitasse a ganhar pelo trabalho para concorrer para o seu bem estar e da familia, ou mesmo accudindo-lhe quando lhe faltem os seus chefes?

Hoje em França sem que a mulher tenha conhecimentos tão geraes como os que lhe pódem ser dados pelo Lyceu de Fenelon ou outros institutos de igual indole, tem já bastantes empregos em que exerça a sua actividade. O Banco de França emprega tantas mulheres como homens; na maioria das casas de modas são senhoras as que servem de caixeiras, e é raro o commerciante que não converta a esposa em guardalivros.

Em Portugal, e mesmo na capital, bem pelo contrario, a mulher raro tem em que se empregue, a não ser em alguns trabalhos de fabricas, e nos *ateliers* de costura; de resto a mulher trata um tanto dos arranjos domesticos ou vive na ociosidade. Não vão mais longe as suas habilitações.

E' certo porém que tambem nunca se pensou em lhe dar um destino mais nobre, em lhe ensinar a ganhar o pão em caso de necessidade, n'um mister mais lucrativo do que aquelles que lhe estragam a saude e bem pouco as libertam da fome.

Ainda ha poucos dias folheando a bem elaborada *Estatistica geral dos correios, telegraphos e pharoes de Portugal*, devida ao trabalho incessante e intelligente do sr. Alfredo Pereira, chefe da secção da estatistica do correio, vimos que a direcção geral dos correios, tem entre dois mil e tantos empregados, apenas quatorze mulheres, classificadas como *ajudantes do sexo feminino*.

E' esta uma repartição onde, julgamos, se poderia dar maior desenvolvimento á entrada de empregados do sexo feminino. Hoje que ha uma escola de correios e telegraphistas regida por pessoa bem competente, não se poderiam admittir pessoas d'aquelle sexo á frequencia d'essa escola?

Devemos pensar n'estes assumptos, que não são futeis, antes de muita importância para o paiz. Abram se escolas para as mulheres, ensine-se-lhes as bellas artes, os cursos commerciaes, de correios e de telegraphistas, de artes agricolas e industriaes, porque ainda mesmo que não façam uso d'esses conhecimentos como profissionaes, poder-lhes-hão servir de muito na economia domestica como donas de casa, tanto no campo como na cidade.

A iniciativa particular tem tambem de ver n'este ponto, e ainda mais que os governos; é ás vezes d'aquelle que partem, e se põem em pratica os principios de maior conveniencia publica.

Concluindo, diremos a algum espirito mais acanhado, pertencente ao sexo forte, que dado o caso que se transplante para o nosso paiz, o que hoje se pratica em França, não se toma de modo nenhum da concorrência da mulher nos seus empregos, porque mesmo que se desse essa concorrência com a força de causar um desequilibrio, o effeito seria o mesmo que aquelle que tem soffrido os operarios com a introdução d'uma machina nas suas officinas para produzir melhor e com mais velocidade um trabalho que antes era manual. Esse effeito redunda sempre em beneficio do pu-

blico, e por tanto dos proprios operarios. Além d'isso nova machina traz sempre a exigência de novos trabalhos, ou mesmo cria novas industrias, e os operarios teem bem depressa onde se empreguem, e muitas vezes em melhores condições.

Para a humanidade o progresso é uma questão de vida ou de morte.

FRÉDÉRIC PASSY.

CHRONICA DOS THEATROS

S. Carlos.—Cantou-se no sabbado n'este theatro a magnifica opera de Verdi, *Aida* em que debutou a *prima-dona* Antonitta Pozzoni, na parte Amneris.

Esta artista tem boa voz com accentuação tragica, interpretando o papel com muita propriedade, pelo que foi bastante applaudida, obtendo tres chamadas especiaes no ultimo acto, que cantou com grande correcção e sentimento, principalmente nas phrases *Ah pietá nume pietá* e *Sacerdote compiste um delitto*, imprecção magnifica que soube dizer perfeitamente.

A sr.^a Fossa fez o possivel para desempenhar bem o papel de *Aida*, não conseguindo comtudo dar-lhe o colorido necessario.

Ortisi e Devoyod continuaram a mostrar os seus recursos vocaes.

D. Maria.—Na semana finda fez-se n'este theatro a *reprise* da fina comedia de Pailleran, *Sociedade onde a gente se aborrece*, continuando a ser acolhida de maneira identica á da época passada.

O auctor, n'esta sua primeira producção dramatica, engastou a critica delicada pondo na rampa personagens mais ou menos conhecidos e que são descriptos com muita verdade e espirito, captando d'este modo o interesse do espectador desde a primeira á ultima scena, sem ridicularisar nem expôr a motejos os individuos onde copiou tão numerosos e escolhidos typos. Concorreu tambem para a boa acceitação que a comedia teve em Portugal, a magnifica traducção de Gervasio Lobato, —penna aliás de reconhecido merecimento, e que tem dado provas exuberantes quer em originaes, quer em traducções— que igualmente lhe imprimiu todo o pensamento do auctor.

Para complemento, os artistas do theatro de D. Maria desempenham admiravelmente tão espirituosa comedia, pelo que nos vemos na dura collisão de não podermos fazer excepções visto que o *ensemble* é perfeitissimo.

Depois o scenario e o elegante *mise-en-scene*, attributos necessarios, contribuem para que a peça tenha tido um tão brilhante successo.

Gymnasio.—Tem-se ultimamente representado n'este theatro as comedias *Machado de Arthur*, *Pesca milagrosa* e o drama *Fidalgos da Casa Mourisca*; como as peças já são naturalmente conhecidas das nossas estimaveis leitoras, reservámos a nossa opinião sobre o theatro do Gymnasio para a emittirmos quando se representar a primeira peça nova.

Recercos.—Representa-se actualmentem n'este theatro o drama de espectáculo *Os Miseraveis*, extrahido do romance do mesmo titulo de Victor Hugo, pelos srs. Salvador Marques e Antonio de Menezes (Argus).

E' sempre difficil, como por mais de uma vez temos dito, tirar-se um drama de um romance, porque a peça ha de necessariamente ser extensa, como succede nos *Miseraveis*, e bastantes vezes atropella factos importantissimos dos quaes se nota a falta, para se poder accommodar á scena e não fatigar o espirito do espectador.

Entretanto n'esta importante obra do primeiro escriptor francez fizeram os srs. Salvador Marques e Menezes o possivel para se sairem bem da empreza a que se arrojaram. As scenas, na maior parte, aproveitaram-se bem, como, por exemplo, o quadro das barricadas que está bem montado, tirando-se o partido necessario etc!

O desempenho é regular sobresahindo Posser no papel do Convencional que declama muito bem; Mathias de Almeida no de bispo, onde fez uma criação; Roque que exagerando talvez um pouco, sae-se comtudo rasoavelmente das difficuldades de tão asqueroso personagem; Salazar que luctando com o papel importantissimo de João Valjean, se houve muito regularmente, tendo scenas felicissimas e outras onde não ponde completar o pensamento do auctor; Guilhermina de Macedo, Marcellino Franco etc. etc.

Colyseio.—A companhia Diaz contractou uma *troupe* japoneza para este Circo, onde se apresentou n'uma das noutes da semana finda. Os trabalhos são bem feitos e alguns dos artistas tem merecimento, principalmente um rapazito, bom equilibrista tanto na meza sobre uns pedaços de madeira, como na *perche*. N'este trabalho é egualmente para admirar o equilibrio do japonez que sustenta a vara, quer ao hombro, quer com os pés.

Antes da *troupe* começar os seus exercicios apresenta-se um d'elles naturalmente o director, que faz o seu discurso de apresentação, discurso aliás muito dispensavel porque ninguem percebe o que elle diz.

Além d'estes trabalhos tem tomado parte nos espectaculos os antigos artistas da companhia, sobresahindo os gymnastas Boissets nos *Cometas de 1883* que é feito com uma perfeição inexcetivel, irmãos Conrads, dois *clowns* acrobatas muito engraçados, *miss* Marguerite Allen, n'um cavallo em pello, mademoiselle Mathilde Price, uma *voltigeuse* que trabalha n'um cavallo a grande velocidade, etc. etc.

Deve hoje realisar-se no theatre do Gymnasio o beneficio do actor ensaiador Leopoldo de Carvalho, com a *première* das comedias *Dia de Reis* e *Paraizos conjugues*.

No theatre dos Recreios representa-se amanhã em beneficio do actor Carlos Posser o applaudido *vaudeville* em 3 actos, *Niniche*, traducção dos srs. Gervasio Lobato e Menezes, em que toma parte, fazendo a protagonista, a actriz Lucinda Simões.

Sobe brevemente á scena no theatre de D. Maria o drama *Fédora*. O papel principal que foi desempenha-

do em Paris por Sarah Bernhardt, é feito pela actriz Virginia.

No theatre de S. Carlos ensaia-se a opera *Propheta*.

Parece que reabre amanhã, completamente restaurado, o theatre do Principe Real.

O drama de abertura é a *Filha e Mãe*, traducção do sr. Maximiliano de Azevedo.

N'esta peça faz o papel principal a actriz Emilia Adelaide.

Py-Thon.

A incredulidade é algumas vezes o vicio de um tolo e a credulidade o defeito de um homem de espirito. O homem de espirito vê muito longe na immensidade das possibilidades; para o tolo só é possivel aquillo que vê. E' talvez isso que torna um pussilanime e o outro temerario.

DIDEROT.

ALBUM ENIGMATICO

CHARADA NOVISSIMA

PARA OS ASSIGNANTES DA PROVINCIA

Premio — «A educação physica da creança»

Este peixe no campo casa.—2-2.

MENDES JUNIOR.

CHARADA NOVISSIMA

PARA OS ASSIGNANTES DE LISBOA

Premio: — «Gymnastique des jeunes filles»

Minha senhora, aqui estão as cinco irmãs guerreiras.—2-2.

MIGUEL A. E.

Explicação das charadas do numero antecedente:—*Siricaia*.—*Sirigaita*.

Coube o premio em Lisboa á ex.^{ma} sr.^a D. Laura de Magalhães, e na provincia ao sr. Fernando B. Castello Branco.

Vieram em segundo logar decifrações das ex.^{mas} sr.^{as} D. Carolina Costa, D. Emma Sophia da Gama Oliveira, D. Emilia Braga, D. Perpetua Perpira, e dos ex.^{mos} srs. Arnaldo de Oliveira, Dr. Monteiro, Nicolau de Barros e José C. Bermudez.